

Local para erguer o povoado – hoje Corumbá

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA – escritor e historiador, Cadeira nº 28 da ASL

Após ter mandado fundar o Forte de Nova Coimbra (13 de setembro de 1775), Luís de Albuquerque achou necessária a instalação de um posto fortificado que garantisse a defesa das terras conquistadas pela Coroa portuguesa e corrigisse o engano do Capitão Matias Ribeiro. A localização do forte, no estreito de São Francisco Xavier, abaixo da foz do Mondego (Miranda), apresentava muitas desvantagens, porque permitia a fácil penetração de forças inimigas pelo Rio Mondego, muito utilizado àquela época. Sendo assim, ordenou que fosse escolhido um local para erguer um povoado e uma guarnição militar capaz de deter o avanço espanhol e os continuados ataques dos índios Paiaгуás e Guaicurus.

Para fazer os reconhecimentos necessários, foi escolhido um experiente sertanista chamado João Leme do Prado. A 12/01/1776, apresentava-se em Coimbra, a cuja frente se encontrava Marcelino Rodrigues Camponês, que lhe pôs à disposição 30 praças, alguns ajudantes e um capitão para cooperar. O dia da partida deu-se a 20 de janeiro. Após longos meses de averiguações, de penosas viagens para cima e para baixo da embocadura do Mondego (Miranda), de cautelosos exames nas margens opostas do Rio Paraguai, o sertanista concluiu que a margem direita era alta e propícia ao incremento de roças e à criação de gado. Avistou ao longe um “morrote”, a que deu o nome de Albuquerque, em homenagem ao governador (hoje, o “mor-



Luís de Albuquerque

“Após ter mandado fundar o Forte de Nova Coimbra, Luís de Albuquerque achou necessária a instalação de um posto fortificado”

rinho” de Albuquerque, distrito de Corumbá), ideal para a construção de um forte capaz de vigiar o rio. Explorou os campos adjacentes a este “morrote”, em cujos arredores encontrou aldeias de índios, lindas baías, matas espessas e fez um relatório, o qual enviou a Vila Bela, dando notícias a Luís de Albuquerque sobre esse lugar aprazível. O relatório foi datado de 27 de janeiro de 1776.

Mas as buscas não pararam aí. Continuou com as averiguações, subindo e descendo os rios Miranda e Aquidauana, que, na época, chamava-se Nabi-miolo ou Uacogo pelos indígenas da região. Estava autorizado por Luís de Albuquerque a dar nomes portugueses aos acidentes geográficos e aos lugares por ele reconhecidos. Foi por esta autorização que mudou o nome de Mbotetei para Mondego e de Nabi-miolo para Marreco (hoje os rios Miranda e Aquidauana).

Regressando ao Rio Paraguai, descia até Coimbra, talvez para se prover de mantimentos, quando recebeu um aviso informando-lhe que, subindo mais o Grande rio, um dia e meio de viagem acima da foz do Mondego, haveria de encontrar um outro acidente ou um sítio de barranco alto, pitoresco e apropriado para erguer um reduto militar e um povoado. E Leme do Prado e seus companheiros não tiveram dúvidas em seguir essa informação dada por um velho sertanista, morador de Nossa Senhora do Livramento, cujo nome era José Pais Falcão das Neves. Estava, assim, sendo escolhido o verdadeiro local onde nasceria e se desenvolveria a povoação de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, hoje a cidade de Corumbá.

Poesia... o que é e para que serve?

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA (1927-2016) – pertenceu à ASL

Muitas pessoas perguntam o que é a poesia. Definições existem “ad infinitum”, mas nenhuma atinge o cerne desse obscuro objeto do desejo, exercício de coisas impalpáveis, a que se entregam os poetas, “insetos de antena, captando sons, imagens e mensagens telepáticas”, conforme revela Raquel Naveira, uma perseguidora de códigos que possam explicar a relação do homem com seus “demônios” e com o universo em que se acha inserido

Rimbaud dizia que a “poesia é o desregramento dos sentidos”. Emmanuel Marinho: que ela é “suja de som, de sonhos, de sangue e de signos”. O poeta Rubenio Marcelo afirma que a poesia é o “graal da nossa essência” – o que transforma a construção poética no vaso sagrado em que está simbolicamente recolhido o pulsar das metáforas. Já para Manoel de Barros “poesia é voar fora da asa”, reino da liberdade, onde se refugiam os que não se sujeitam a esquemas cerceadores de ideias e de sonhos.

Alguém já disse que a poesia é como um ramo de rosas, explica-se por si mesma, tem seu

próprio código ao qual só têm acesso os que foram ungidos com o poder de criar mundos, valendo-se da palavra. A poesia é um brinquedo com signos, no qual significante e significado funcionam juntos numa junção provocadora de emoções, reflexões, impressões.

Para que serve a poesia? Segundo Américo Calheiros: “para nada”, mas acrescenta que, apesar disso, “fabrica a poesia das ruas como um operário”. O mesmo pensam outros criadores de metáforas, como Carlos Drummond, que confessa “carregar consigo algo indescritível”. Para ele, “poesia é algo de grande responsabilidade”, o que o leva a não considerar honesto rotular de poeta quem apenas verseja por dor de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar a trabalhos cotidianos e secretos de leitura.

Nos últimos anos de vida, já quase cego sem poder ler nem escrever, o poeta João Cabral de Melo Neto continuava em grande atividade intelectual, afirmando que sua poesia ainda se encontrava em processo, porque para ele poesia era risco contínuo.

Daí, poder-se concluir que poesia é o resultado de um processo dos mais exaustivos de uma

construção, que prevê luta renhida e constante com as palavras para atingir o ponto desejado da perfeição na qual o elemento surpresa precisa estar presente como estrela a cintilar na escuridão da noite. O poeta Geraldo Ramon Pereira sente a poesia “como o encontro com a beleza divina”, numa aproximação com a eternidade.

Esta é uma das razões que me ligam a determinados poetas, como Manuel Bandeira, que me aconselha a fugir do sofrimento “mas para quê/tanto sofrimento/se lá fora o vento/é um canto na noite?”. Ou a Drummond, que suaviza minhas angústias com a certeza de que tudo passa e sempre fica algo para dar sentido à luta cotidiana (“o primeiro amor passou, o segundo amor passou, mas a vida continua”). Ou a João Cabral, que me incita a viver cada dia “como uma ave/que vai cada segundo conquistando seu voo”.

Por isso, leiam poesias! Cultivem o prazer de deslizar no reino das palavras que ajudam a retomar a essência da adolescência luminosa. Viajem nas asas da poesia ao país de rios e fronteiras onde residem a paz, a certeza de que vale a pena o desafio de viver... Eterna é a poesia, é a fome de navegar nas ondas da esperança!

Panoramas

OSWALDO BARBOSA DE ALMEIDA – Cadeira nº 3 da ASL

As cidades se formam, inicialmente, pela fixação das pessoas em prédios unifamiliares, provisórios ou definitivos, modestos ou luxuosos, de acordo com a situação do respectivo ocupante. As residências vão se avolumando na medida em que mais pessoas são atraídas para o lugar, de modo rápido ou lentamente, conforme os motivos dessa atração. Com o crescimento da urbe, vão surgindo outros tipos de residências, as chamadas multifamiliares, consistentes em prédios com um pavimento térreo e outro(s) acima dele.

Campo Grande, por exemplo, quando aqui cheguei, possuía somente casas térreas ou, no máximo, pequenos sobrados com salões comerciais no térreo, encimados por mais um ou dois pavimentos destinados a moradias. Havia uns dois ou três edifícios com mais de três pavimentos. Com o crescimento da futura capital, foram surgindo edificações com mais pisos, destinadas a residências ou para fins comerciais, como escritórios. Moro num desses prédios de apartamentos há quase vinte e cinco anos, em andar al-

to, na região central da cidade, o que me propicia uma visão privilegiada de quase todos os setores de nossa Capital Morena. Só não tenho a visão de uma pequena fatia do lado sul.

Dia desses, estava distraído frente ao computador, “navegando” pela internet, esse campo inegotável de informações, nem todas verdadeiras, úteis ou interessantes, quando minha atenção foi despertada por ruidosos toques de sirenes de veículos policiais que acorriam para a sede de uma delegacia visível do meu posto de observação. Olhei pela janela e notei que eram duas viaturas, as quais entraram em alta velocidade pela contramão da rua onde se situa a unidade policial.

Há alguns anos presenciei um caso parecido, porém, verdadeiro abuso: um cidadão, meu conhecido, trabalhava num órgão vinculado à Segurança Pública. Eu transitava a pé, nas proximidades de sua residência, quando ouvi o som estridente de sirene bem próximo. Passou rapidamente por mim um veículo oficial preto e parou logo adiante, em frente à casa dele; desembarcou e o carro seguiu normalmente: era o horário de almoço!

Bem, voltemos ao assunto que atraiu minha curiosidade: em outro dia, eu estava em meu

carro aguardando a abertura do semáforo, bem diante da delegacia, quando cena parecida se desenrolou: chegou uma viatura, também em alta velocidade, e dela desembarcaram alguns presos, algemados uns aos outros, todos eles vestidos normalmente, quando é comum chegarem presos trajando apenas bermudas e calçando chinelos “de dedo”. Em princípio, são rotineiras ali as chegadas e saídas de veículos conduzindo presos. A diferença, agora, e que provocou minha curiosidade, foi o fato de todos eles serem brancos do tipo nórdico, bem-vestidos, diferentemente do que se vê em tais circunstâncias, geralmente presos do grupo dos três “p”: pretos, soures e prostitutas. Quem seriam eles? Nunca soube: a imprensa, escrita e televisiva, nada noticiou.

Um belo panorama que presencio é o pôr do sol em dias de total claridade: um espetáculo de muita beleza. Na direção do poente, quando aqui cheguei, era possível uma visão quase completa da região do aeroporto, onde podiam ser vistos os pousos e as decolagens de aviões, inclusive a corrida deles pela pista nesses momentos. Mas, com o tempo, as árvores da região cresceram e hoje ocultam quase totalmente essa movimentação.

+POESIAS

Jasmim-do-cabo

Todo jardim deveria ter um jasmim-do-cabo, aquela flor que perfuma, embalsama, derrama óleo grosso nos pés da noite. Todo jardim deveria ter um jasmim-do-cabo, o transcorreria em agonia, mas a lua viria desatar os laços da magia e nos tiraria o fôlego. Todo jardim deveria ter um jasmim-do-cabo, absorveríamos no pulmão uma torrente de pétalas brancas e voaríamos como anjos tocando banjos da noite.

RAQUEL NAVEIRA

Sob condição

o tempo do verbo de Deus é a eternidade.

o nosso não! humanos que somos sofridamente temos de conjugar o nosso em todos os tempos sem faltar um sequer!

sob condição de não atarantar os planos divinos!

ANA MARIA BERNARDELLI

Comparamento

Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau, folhas secas, penas de urubu e demais trombolhos. Seria como o percurso de uma palavra antes de chegar ao poema. As palavras, na viagem para o poema, recebem nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades. E demais escorralhas. As palavras se sujam de nós na viagem. Mas desembarcam no poema escorreitas: como que filtradas. E livres das tripas do nosso espírito.

MANOEL DE BARROS

Viagem

No espaço desta sala imagino meu solo de música e geometrias. Porei um selo no pássaro e o projetarei no infinito... Meus erros virarão areia no tempo da erosão, ficando o silêncio apenas, o símil do engodo pulando a barreira dos são... Na fumaça desta ave haverá rastros de superson misturados com milmés.

ORLANDO ANTUNES BATISTA

NOTÍCIA DA ASL

Neste domingo p.p (25/09), foi inaugurada em Campo Grande a Casa-Quintal Manoel de Barros, endereço em que o poeta residiu e onde desenvolveu parte das suas inspirações poéticas. Situado na Rua Piratininga nº 363 – Jardim dos Estados, com salas próprias, o local possui materiais ref. à obra de Manoel de Barros, que ocupou a Cadeira nº 1 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Conforme consta em notícias, “a criação do espaço veio da iniciativa de artistas e produtores que se reuniram em um grupo denominado Sociedade dos Amigos da Casa-Quintal Manoel de Barros. E o projeto realizado pela Fundação Nelito Câmara, Pólo Filme e pelo Sesc Cultura MS, com apoio da Energisa, e também apoio cultural da Polca, Cine Café e Essência de Mato”. Está prevista a abertura de visitas para o público em geral a partir do mês de outubro.